

A CULTURA DAS FEIRAS LIVRES NO FILME *A GRANDE FEIRA*, DE ROBERTO PIRES

Beatriz Lima do Carmo

Licenciatura em Letras Vernáculas

beatriz.do.carmo@hotmail.com

Cláudio Cledson Novais (Orientador/UEFS)

Departamento de Letras e Artes (DLA)

ccnovais.uefs@gmail.com

Resumo: Este artigo discute a representação de cultura popular no filme *A grande feira* (1961), dirigido por Roberto Pires, obra que enfoca a feira de Água de Meninos, em uma narrativa produzida no início dos anos 1960, com os traços iniciais da política do Cinema Novo na Bahia.

Palavras-chave: Cinema. Cultura. Representação. Feira livre.

1 INTRODUÇÃO

O cinema nos mostra, em suas narrativas, os espaços sociais e culturais nos quais vivemos e estabelecemos nossas relações materiais e simbólicas. Nesta linguagem da arte são representados diversos temas, em enredos sob os gêneros de documentário ou de ficção, que nos colocam diante de acontecimentos que levam a pensar sobre as experiências cotidianas.

Entre as décadas de 1930 e 1950, dentre os filmes assistidos e produzidos pelos brasileiros, predominavam as produções melodramáticas e as chanchadas, que copiavam o modelo hegemônico do cinema americano. Estes movimentos predominaram até o início do Cinema Novo, quando os intelectuais se investiram do propósito de modernizar o cinema nacional, travando um combate contra as modalidades importadas de filmes e rejeitando o modelo industrial introduzido no Brasil pela

Vera Cruz - companhia cinematográfica que incentivava a produção de filmes baseados em Hollywood, com grandes investimentos financeiros em relação à realidade econômica do país.

O objetivo do Cinema Novo foi produzir filmes a partir da “estética da fome”, reproduzindo, nos temas e na linguagem do cinema, a realidade brasileira de forma crua, sem maquiagem e com poucos investimentos financeiros. Foi um movimento de extrema importância para a história do cinema brasileiro, visto que, a partir daí, foram produzidos filmes que representavam a cultura e a realidade brasileiras a partir de outro viés ideológico, marcadamente pelo conceito de “nacional popular”. Segundo Ismail Xavier (2001, p. 57):

[...] o Cinema Novo foi a versão brasileira de uma política de autor que procurou destruir o mito da técnica e da burocracia da população, em nome da vida, da atualidade, da criação. Aqui atualidade era a realidade brasileira, vida era o engajamento ideológico, criação era buscar uma linguagem adequada às condições precárias e capaz de exprimir uma visão desalienadora, crítica, da experiência social.

E ainda, segundo ele:

[...] o Cinema Novo, em particular, problematizou a sua inserção na esfera da cultura de massas, apresentando-se no mercado, mas procurando ser a sua negação, procurando articular sua política com uma deliberada inscrição na tradição cultural erudita. (XAVIER, 2001, p. 23).

O Cinema Novo foi influenciado pelo Neorrealismo Italiano, movimento que buscou mostrar a realidade precária do pós-guerra na Europa. Da mesma forma, o Cinema Novo queria aproximar os filmes da realidade do povo ao registrar a vida da população de modo real, como diz o crítico nacionalista: “[...]”

foi historicamente a primeira afirmação coerente de um cinema tipicamente nacional, com vocação popular e tendências progressistas [...]” (HENNEBELLE, 1978, p. 65).

Dentre os primeiros filmes produzidos com a perspectiva de modernizar a linguagem do cinema nacional, buscando aproximar a ficção o máximo possível do real, está *A grande feira* (1961), filme de ficção que tem como pano de fundo a feira livre de Água de Meninos. Nele podemos captar a realidade do cotidiano das feiras livres espalhadas por todo Brasil, que, normalmente, são tidas apenas como um local de comércio e não como um patrimônio cultural. Segundo Glauber Rocha (2003, p. 158), este “[...] é um filme novo no cinema Brasileiro [...]”.

O filme foi gravado em Água de Meninos. No enredo, a feira estava prestes a ser tomada por uma imobiliária e a narrativa mostra os frequentadores em luta para salvar o terreno a fim de não serem despejados.

2 O FILME *A GRANDE FEIRA*

As feiras livres já foram cenário de muitos livros e filmes, e um deles é o filme *A grande feira* (1961), de Roberto Pires, com argumento de Rex Schindler. Esta obra apresenta a antiga feira de Água de Meninos com uma perspectiva de crítica social e cultural, abordando tanto a importância da economia local quanto a feira como um patrimônio da cultura. Portanto, segundo Aléxis Góis (2009, p. 108), “Roberto Pires aproveitou as personalidades baianas para colocar em *A grande feira*” o olhar dos intelectuais a partir dos personagens que representam as pessoas simples da cidade de Salvador.

Por suas obras originais e por dirigir o primeiro longa-metragem da Bahia, *Redenção* (1959), Pires, o diretor de *A grande feira* (1961), é considerado por muitos o inventor do cinema baiano. Sem ter os equipamentos necessários, ele chegou a inventar a lente anamórfica, semelhante ao cinemascope, sendo, ainda, considerado um louco por querer

fazer cinema na Bahia na década de 1950. Mas, mesmo com os obstáculos, conseguiu lançar o primeiro filme em 1959, que foi um sucesso, pois deu início ao Ciclo Baiano de Cinema, que viria a ser o princípio do movimento do Cinema Novo. Se o cinema não existisse, Roberto Pires o inventaria, foi o que disse Glauber Rocha (2003, p. 155) em seu livro *Revisão crítica do cinema brasileiro*, completando:

Quem inventou o cinema na Bahia foi Roberto Pires. Acredito que teria inventado máquinas de filmar se, por acaso, aos onze anos de idade, não lhe chegasse às mãos um deficiente aparelho de 16 mm, com o qual filmou *Sonho*.

Depois do lançamento de *Redenção* (1959), Glauber Rocha produz *Barravento* (1962) e, em seguida, Pires passa a ser o responsável pelo terceiro longa-metragem baiano, *A grande feira* (1961), que apesar de já ter sido gravado de modo profissional, ainda houve dificuldades com equipamentos, atores e cenário. Mesmo *Barravento* (1962) sendo lançado após *A grande feira* (1961), ainda é considerado o segundo longa-metragem baiano, pois é o segundo a começar a ser produzido. A respeito do filme de 1961, Walter da Silveira (1962, p. 7) afirma:

[...] *A grande feira*, estabelecendo as bases de um cinema brasileiro fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, inaugura mais do que o cinema baiano, do que uma outra etapa de nossa história, de um ponto de vista simplesmente geográfico: tem a audácia de fundar um cinema absolutamente contemporâneo, característico da nacionalidade.

E afirma ainda o crítico: “*A grande feira* liberta o cinema das suas duas alienações, a da suposta inferioridade e da falsa superioridade. Nem o primarismo da chanchada, nem o escapismo de estranhamento. Uma linguagem popular, embora trabalhada.” (SILVEIRA, 1962, p. 7).

A primeira cena do filme *A grande feira* (1961) é com o cronista social e poeta popular Cuíca de Santo Amaro, que anuncia: “A feira de Água de Meninos vai se acabar. Engolida pelos tubarões [termo que usa para referir-se à imobiliária]. Vai acabar a grande feira.” (A GRANDE..., 1961).

Considerado por Glauber Rocha uma figura mitológica, Cuíca de Santo Amaro vivia da venda dos seus livrinhos que contavam as notícias da cidade em forma de cordel, e, como os cinemanovistas queriam fazer filmes de denúncia social, a presença dessa figura popular informando o possível fim da feira em seus livretos era um mote indispensável. Orlando Senna (1962, p. 111) diz que, com a cena de Cuíca de Santo Amaro, “[...] estabelece-se desde então um caráter de exposição popular para a história a partir deste momento.”

Na narrativa do filme, a feira de Água de Meninos é ameaçada por uma imobiliária que pretende usar o espaço ocupado pelos feirantes para ampliar os tanques de combustíveis que ficavam próximos, mas até o fim do filme a feira não é destruída. No entanto, a protagonista Maria da Feira morre para salvar o local, não mais da imobiliária, mas de uma bomba que Chico Diabo, morador da região, lança, pois ele prefere que o espaço seja destruído por uma explosão, a ser tomado pela imobiliária.

Ironia da história real: três anos após a produção do filme, a feira de Água de Meninos pega fogo, numa época em que a prefeitura estava com planos de expandir o porto de Salvador, mas o comércio no local impedia a execução de tal plano. As causas reais do incêndio até hoje não foram bem esclarecidas.

Além da trama com a problemática do despejo dos feirantes, há vários outros enredos no filme, como o de Ely, uma senhora da alta sociedade, casada, que se apaixona por um marinheiro, Rony, de classe social muito diferente, mas ela resolve sustentá-lo, até que o marinheiro vai embora e ela volta para o marido.

A última cena do filme também é com o cronista popular Cuíca de Santa Amaro. Ele está vendendo seus livretos e anunciando o desfecho da trama: “Maria da Feira morreu para salvar milhares de pessoas. Chico Diabo foi castigado e a mulher rica voltou, abandonada pelo marinheiro, para o conforto do seu marido. O problema com os tubarões não está resolvido.” (A GRANDE..., 1961).

Glauber Rocha, em um depoimento transcrito do jornal *Diário de Notícias* e publicado junto com o roteiro do filme, diz amar *A grande feira* (1961) como a um filme seu, e ele continua:

Acho que está entre os melhores filmes brasileiros da fase sonora, embora seja suspeito pra dizer isto. Vejo no filme defeitos, mas nunca defeitos graves. Mas estes defeitos estão especialmente no acabamento literário dos diálogos (que são assim mesmo, os melhores de todo o cinema brasileiro). Os outros detalhes são insignificantes, defensáveis e encontráveis nos melhores diretores do cinema nacional. (ROCHA, 1962, p. 109).

3 AS FEIRAS LIVRES: PATRIMÔNIO CULTURAL

Existem, desde muito tempo, feiras livres espalhadas por todo Brasil, algumas delas muito conhecidas. Elas abastecem as cidades não só com alimentos, mas também com vestuários, utensílios domésticos, dentre vários outros objetos de uso cotidiano. Estas organizações de origem medieval vão para além de finalidades puramente econômicas, pois segundo Araújo (2011, p. 92):

[...] historicamente as feiras adquiriram uma importância muito grande, que ultrapassa seu papel comercial e as transforma, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam para estabelecer laços de sociabilidade.

Justino (1989, p. 275) ainda afirma que: “[...] uma feira é, antes de mais, um local de encontro. Aí, vendedores e compradores estabelecem os seus negócios, mas, por outro, integram-se numa trama de papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas.” Nestes espaços de compra e venda desenvolvem-se formas de cultura, e eles são muitas vezes ponto de encontro, visto que no dia da feira muitas pessoas se deslocam de diversos pontos e a transformam

[...] numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual. (ARAÚJO, 2011, p. 90-91).

Apesar do valor cultural, as feiras livres normalmente são tidas apenas como um lugar de comércio e acabam por sofrer interferências externas. Um exemplo disso são as políticas públicas desconhecedoras do importante papel identitário e popular que as feiras livres têm como memórias culturais da região.

A história real de Água de Meninos é parecida com o enredo do filme de Roberto Pires, pois é o processo de urbanização que interfere na lógica da feira como espaço popular encravado na modernidade urbana. Por ficar localizada em um intermediário entre a cidade alta e a cidade baixa, na cidade de Salvador, a Prefeitura tinha planos de extinguir Água de Meninos, pois os planos econômicos dependiam da expansão do porto. A proposta foi que os moradores e feirantes se mudassem para a feira de São Joaquim, mas a maioria não aceitou e continuou no local. Tempos depois, a feira pegou fogo – ou foi incendiada, pois até hoje não se sabe ao certo o que provocou o incêndio destruidor. Assim, ela foi transferida para São Joaquim, onde continua até os dias de hoje.

A feira, além de inspirar o filme, também inspirou outras obras, como a música dos compositores Gilberto Gil e José

Carlos Capinan, *Água de meninos* (1967), em que eles descrevem e contam essa história da feira em forma de canção:

A feira nem bem sabia
Se ia pro mar ou subia
E nem o povo queria
Escolher outro lugar
Enquanto a feira não via
A hora de se mudar.
Tocaram fogo na feira
Ai, me dia, mi'asinhá
Pra onde correu o povo
Pra onde correu a moça
Vinda de Taperoá ?...

Além da música mostrar que *Água de Meninos* foi uma feira importante para toda comunidade quanto aos aspectos econômicos e, principalmente, culturais, o espaço é confirmado como fonte de inspiração de canções, filmes e documentários. Nesse sentido, registra-se ainda como o incêndio abalou a população.

Não apenas as feiras livres, mas vários outros lugares de manifestações populares também sofrem com as interferências externas por conta da industrialização e urbanização das cidades, algumas vezes de forma não pacífica, mas, no geral, de forma traumática. Assim como a feira de *Água de Meninos*, várias outras também sofreram essas alterações, como a feira livre de Feira de Santana, de onde se originou a cidade e o seu nome. Em 1972, ela foi transferida para um espaço delimitado no centro de abastecimento por conta do processo de industrialização que a cidade estava sofrendo, deixando de lado os aspectos tradicionais do local advindos desde o final do século XVII, quando ela surgiu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande feira (1961), obra de Roberto Pires, é uma representação cinematográfica da cultura baiana que aborda um aspecto da estrutura geral da sociedade brasileira, pois apresenta vários assuntos que dizem respeito aos modelos econômicos e sociais do país. É possível perceber a preocupação do cinema com a identidade cultural no contexto da realização do filme, trazendo como pano de fundo os aspectos da realidade identitária da Bahia em seus aspectos populares. A feira livre, no filme, assim como toda a realidade social e econômica representada, é mais do que apenas um lugar geográfico de comércio, pois assume uma condição simbólica de convívio social e de expressão cultural. No filme, a ameaça à feira livre de Água de Meninos mostra como o desenvolvimento das cidades interfere, de forma direta, no cotidiano da população, muitas vezes por conta do discurso higienista que desaprova a desordem e/ou falta de higiene do lugar. A obra ainda denuncia os interesses econômicos no espaço ocupado pela feira, que atingem de forma direta um microcosmo revelador de patrimônios culturais das cidades.

Abstract: This paper discusses the representation of popular culture on the film *A grande feira* (1962), directed by Roberto Pires, a work that focuses the open street market Água de Meninos in a narrative produced in the early '60s, with the initial traces of policy of the New Cinema in Bahia.

Keywords: Cinema. Culture. Representation. Open Street Market.

REFERÊNCIAS

A GRANDE feira. Direção: Roberto Pires. Produção: Rex Schindler, Braga Neto. Salvador: Iglu Filmes, 1961.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

ANDREW, James Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)*. 2011. 699 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea - Universidade do Minho - e História Social - Universidade Federal da Bahia), Braga, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/19709>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1979. Tomo 2: Os jogos das trocas.

DIEGUES, Carlos. *Cinema brasileiro: ideias e imagens*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2011.

GIL, Gilberto; CAPINAN, José Carlos. Água de Meninos. Intérprete: GILBERTO GIL. In: GILBERTO GIL. *Louvação*. Philips, p1967. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

GÓIS, Aléxis. *Roberto Pires: inventor de cinema*. Salvador: Assembleia Legislativa, 2009.

HENNEBELLE, Guy. *Os Cinemas nacionais contra Hollywood*. Tradução de Paulo Vidal e Julieta Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

JUSTINO, David. *A Formação do espaço económico nacional, Portugal 1810-1913*. Lisboa: Vega, 1988-1989. 2 v.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN). *Revista Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244-249, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406/8704>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ROCHA, Glauber. A Grande Feira. In: SCHINDLER, Rex. *A Grande Feira*. Salvador: Associação dos Críticos Cinematográficos da Bahia, 1962.

ROCHA, Glauber. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SILVEIRA, Walter. A Grande Feira: origem e Significado. In: SCHINDLER, Rex. *A Grande Feira*. Salvador: Associação dos Críticos Cinematográficos da Bahia, 1962.

XAVIER, Ismail. *Cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Enviado em 30/03/2014.

Aprovado em 11/08/2014.